

O desenvolvimento da prosa no período romântico coincide com o desenvolvimento do romance como um gênero novo que, no Brasil, chegou graças à influência dos romances europeus e do surgimento dos jornais -- que publicavam, diariamente, os **folhetins**, isto é, capítulos de histórias que compunham um romance.

As primeiras manifestações no gênero estavam empenhadas na descrição dos costumes da classe dominante na cidade do Rio de Janeiro, que agora vivia um grande período de urbanização, e de algumas amenidades da vida no campo. Ou então, apresentavam personagens selvagens, concebidos pela ideologia e imaginação do período romântico como idealização do herói nacional por excelência: o índio.

Cronologicamente, o primeiro romance romântico publicado no Brasil foi *O filho do pescador* (1843), de Teixeira de Souza, porém, como o romance apresenta enredo confuso e foi considerado pelo público como "sentimentalóide", **A Moreninha** (1844), de **Joaquim Manoel Macedo**, viria a ser considerado o primeiro romance efetivamente brasileiro por receber uma maior aceitação do público e por definir as linhas do romance brasileiro.

Os principais autores do período são: **Joaquim Manoel de Macedo**, **Manuel Antônio de Almeida**, **José de Alencar**, **Bernardo Guimarães**, **Visconde de Taunay** e, constituindo o teatro nacional, **Martins Pena**.

### JOAQUIM MANUEL DE MACEDO (1820 - 1882)



Joaquim Manuel de Macedo nasceu e faleceu na cidade do Rio de Janeiro. Formado em Medicina, exerceu a carreira por pouco tempo dedicando-se posteriormente à vida literária e ao ensino. É o patrono da cadeira de número vinte da Academia Brasileira de Letras.

É considerado um dos romancistas mais importantes do período por ter inaugurado o romance romântico brasileiro, em termos de temática, estrutura e desenvolvimento de enredo. Este último se desenvolve da seguinte maneira, com o seguinte movimento: descrição do ambiente, surgimento de um conflito, resolução do mistério e restabelecimento do ambiente pacífico inicial.

Seu principal romance é **A Moreninha (1844)**, em que estão representados os costumes da elite carioca da década de 1840, bem como suas festas e tradições (viajar para o litoral era um costume das famílias pertencentes à elite), e hábitos da juventude burguesa do Rio de Janeiro. Outras obras do autor são **O Moço Loiro (1845)** e **A Luneta Mágica (1869)**.

**Curiosidade:** Muitos dos aspectos encontrados no romance são considerados **clichês** nos dias de hoje. Isto é, são situações e/ou frases que se tornaram lugar-comum na literatura principalmente no que diz respeito às histórias de amor, criadas pelos romancistas brasileiros cujos enredos sempre terminam em um final feliz.

Esse é um dos motivos pelo qual Joaquim Manoel Macedo é considerado o fundador do romance brasileiro, por ter iniciado um gênero novo e incluído todo um estilo e situações novas na literatura brasileira.

### A Moreninha

O romance começa com a reunião de quatro amigos estudantes de Medicina, que pretendem passar o feriado de Sant'ana na "ilha de ...", a convite de Filipe (o autor nunca escreve o nome da ilha, sempre se referindo a ela como "a ilha de ..."). A conversa dos estudantes gira em torno das mulheres que estarão presentes no evento e as possíveis paixões que poderiam surgir durante o feriado. Augusto é o mais inconstante dos amigos, trocando uma paixão por outra, não fica por mais de um mês com a mesma pessoa. Augusto e Filipe fazem uma aposta. Se Augusto ficar apaixonado mais de um mês pela mesma pessoa, ele terá que escrever um romance, e, se o mesmo não acontecer, é Filipe quem deverá escrever um livro.

*“... afirmo, meus senhores, que meu pensamento nunca se ocupou, não se ocupa, nem se há de ocupar de uma mesma moça quinze dias.”*

A maior parte do romance se passa na "ilha de ..." durante as festividades. Lá, os quatro estudantes se juntam a um grupo de pouco mais de vinte pessoas. Filipe, Augusto, Fabrício e Leopoldo se divertem juntos com a pequena sociedade formada na ilha, dando principal atenção às três mulheres mais bonitas, D. Carolina, Joaquina e Joana. Entre as festividades, os quatro estudantes discutem sobre o amor e observam as garotas.

O romance vai retratando as mudanças de perspectiva que os amigos possuem sobre as mulheres e o amor. O foco do livro é o romance que nasce entre Augusto e D. Carolina, a irmã de Filipe, uma garota sapeca de 13 anos. No começo, Augusto vê a menina como uma impertinente. As suas molecagens desagradam o estudante, que chega a achar as feições de Carolina desagradáveis. Porém, a vivacidade da garota começa a conquistar o estudante. A inteligência de Carolina ao responder as provocações faz com que Augusto comece a vê-la com melhores olhos.

*"... se perderes, escreverás a história de tua derrota, e se ganhares, escreverei o triunfo da tua inconstância..."*

Enquanto a paixão dos dois surge, um outro casal começa a ter problemas. Fabrício tem um relacionamento com Joana, porém, as exigências da amada começam a levar o estudante à beira da falência, tendo de comparecer em peças, bailes e enviar cartas em papéis caros. Fabrício bota um plano para se livrar da amada e dos gastos que ela causa, mas, para não quebrar as suas promessas de amor, ele pede a ajuda de Augusto para causar o rompimento. Augusto se nega a ajudar o colega pois, por mais inconstante que seja, não concorda com o plano. Isso causa um atrito entre os amigos, que durante o jantar travam uma guerra entre si. Como estratégia para derrubar o inimigo, Fabrício revela toda a inconstância de Augusto nos amores. Essa revelação faz com que Augusto seja afastado pelas mulheres presentes na pequena reunião, com a exceção de D. Carolina.

Augusto se junta à avó de Filipe em uma gruta, onde conta as suas decepções amorosas e a história do seu primeiro amor que foi vivido ainda na infância e do qual guarda como lembrança uma pequena esmeralda. Durante esse romance que durou apenas uma tarde, ele prometeu se casar com a jovem amada, mas não sabe nada da menina, nem o seu nome.

O final de semana na ilha termina com uma paixão cultivada por Augusto e Carolina. Nas próximas semanas, o estudante visita a menina aos domingos e o sentimentalismo começa a surgir no coração de Augusto. A sua recente paixão interfere nos estudos. Isso deixa o pai de Augusto em alerta, e ele o proíbe de sair para que possa voltar a se dedicar à faculdade. O castigo faz mal ao estudante, que cai doente. Enquanto isso, Carolina sofre com a falta da visita de seu amado.

*"Os nossos amantes acabavam de chegar ao sentimental e, com o seu sentimentalismo, estavam azedando a vida dos que lhes queriam bem."*

A situação se resolve quando Filipe interfere junto ao pai de Augusto, que concorda com o casamento dos dois. Após uma breve reunião entre o pai de Augusto e a avó de Filipe, o casamento é acordado, só falta os dois maiores interessados acertarem o casamento. Carolina e Augusto se encontram na mesma gruta onde ele estava com a avó da garota. Ela relewa ter escutado a história de Augusto e protesta contra o casamento, pois ele havia dado a sua palavra que iria casar com a menina que havia conhecido anos atrás. Augusto jura eterno amor por Carolina e diz que, se ao menos soubesse quem era a menina, iria atrás dela e pediria perdão por não cumprir a sua promessa, pois o amor da vida dele é Carolina.

A situação se resolve quando ela tira de um beato um camafeu que foi o presente que Augusto ofereceu a sua antiga paixão. Ele descobre que a menina que ele havia conhecido muitos anos atrás era Carolina. Augusto então escreve o romance, chamado A Moreninha, no qual ele conta a sua história de amor.

#### *Curiosidade*

*Dois filmes foram feitos sobre o livro A Moreninha, um de 1915 e outro com Sônia Braga de 1970, ambos com o nome de A Moreninha. Duas telenovelas também foram produzidas, uma com Marília Pêra em 1965 e outra com Nívea Maria em 1975.*

